

MARSHALL SAHLINS ESPERANDO FOU

TRADUÇÃO MARCELA COELHO DE SOUZA E EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

ubu

FOUCAULT, AINDA

- 5 Abertura
- 7 A invenção da tradição
- 10 Sobre o materialismo
- 11 Heráclito × Heródoto
- 13 Pós-estruturalismo
- 15 A cultura japonesa está sempre em transformação
- 18 Ético e êmico
- 20 A poética da cultura I
- 21 A poética da cultura II
- 23 “A pseudopolítica da interpretação” (Gerald Graff)
- 25 Utilitarismo
- 27 Com a queda de Adão (Smith), fomos todos ao chão
- 29 A poética da cultura III
- 33 Cursos para os nossos tempos
- 36 Relevância
- 37 Polifonia não é cacofonia
- 40 A cultura como uma pseudoentidade metafísica
- 44 Consciência da cultura
- 46 Orientalismo
- 47 Como resolver os problemas mundiais
- 48 A origem da religião
- 50 A síndrome do restaurante chinês
- 52 Antropologia como crítica cultural
- 53 Esperando Foucault
- 55 A objetividade como qualidade segunda
- 57 Mais sobre o materialismo
- 59 Algumas leis da civilização
- 60 Antirrelativismo
- 62 Sociabilidade = simbolicidade
- 64 Terrorismo pós-moderno
- 65 Capitalismo I
- 67 Capitalismo II
- 69 Capitalismo III: *Laissez-faire* – *Qui les a laissé?*
- 70 Cúmplices da violência e dominação ocidentais
- 72 Desenvolvimento econômico I
- 73 Desenvolvimento econômico II
- 74 As disciplinas do colonialismo
- 76 Cultura da resistência e resistência da cultura
- 78 A indigenização da modernidade
- 79 O que aconteceu com o “capitalismo tardio”?
- 81 Man the Hunter
- 83 O retorno do superorgânico
- 85 Baleias brancas mortas:
da Leviatanologia à Subjetologia e vice-versa
- 92 Continuação da Subjetologia
- 94 História passada
- 96 Tééééedio!
- 99 Dupla identidade
- 100 Conhece-te a ti mesmo
- 102 A economia política das humanidades
- 104 Um certo tipo de império
- 110 Sobre o autor

Lord Jenkins, Professor Strathern, prezados colegas... e demais colegas:

Fui encarregado pela *Professor Strathern* de agraciá-los com trinta minutos ou menos de “entretenimento digestivo”, possivelmente para que vocês não caiam no sono antes da conferência sobre Huxley do *Professor Stocking*. Não sei o que fiz para merecer tal honra acadêmica, e menos ainda o que fazer para satisfazer as expectativas correspondentes — a não ser pelo fato de que, como muitos de vocês, mantenho um caderno de notas e observações clandestinas, que vão de uma linha a muitas páginas, e do qual pensei oferecer-lhes uma seleção de comentários rabugentos a propósito de coisas que estão em voga na antropologia de nossos dias e provavelmente não deveriam estar. De saída, todavia, devo confessar que, folheando minha caderneta, ocorreu-me que Lord Keynes não disse toda a verdade sobre o que acontece a longo prazo. Pelo menos no que concerne à antropologia, *duas* coisas são certas, a longo prazo: uma delas é que estaremos todos mortos; mas a outra é que estaremos todos errados. Evidentemente, uma carreira acadêmica feliz é aquela em que a primeira coisa acontece antes da segunda. Outra ideia que me ocorreu, e ajudou a inspirar o título de minha conferência, foi que minha caderneta é muito semelhan-

te à concepção de poder de Michel Foucault: como esta, aquela também é perversamente poliamorfa. Assim, é nesse espírito pós-estruturalista que lhes ofereço a seguinte *pasticherie* à guisa de sobremesa.

Entretenimento pós-prandial oferecido por Marshall Sahlins à IV Conferência Decenal da Associação de Antropólogos Sociais da Commonwealth, Oxford, em 29 de julho de 1993.

A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO

Sendo a Grã-Bretanha a pátria da “invenção da tradição”, é desnecessário explicar aqui a expressão. Todos sabem, igualmente, como os antropólogos apressaram-se em adaptar tal ideia à nostalgia cultural hoje corrente entre os povos outrora coloniais. Pelo Terceiro e Quarto Mundos afora, as pessoas andam a proclamar o valor de seus costumes tradicionais (tal como elas os concebem). Infelizmente, uma certa atmosfera livresca de inautenticidade paira sobre esse moderno movimento pró-cultural. O rótulo acadêmico “invenção” já sugere artifício, e a literatura antropológica transmite, com demasiada frequência, a impressão de um passado meio falsificado, improvisado para fins políticos, que provavelmente deve mais a forças imperialistas que a fontes indígenas. A título de antídoto possível, chamo a atenção para um caso notável de invenção da tradição, cuja respeitabilidade nenhum acadêmico do Ocidente será tentado a negar.

Pois deu-se que, nos séculos xv e xvi, um punhado de intelectuais e artistas nativos europeus reuniu-se e pôs-se a inventar suas tradições, e a si mesmos, tentando revitalizar o saber de uma antiga cultura que consideravam ter sido obra de seus ancestrais, mas que não compreendiam plenamente, pois essa cultura estava perdida há muitos séculos, e suas línguas (latim e grego) andavam corrompidas ou esquecidas. Muitos séculos antes, igualmente, esses europeus tinham-se convertido ao cristianismo; mas isso não os impedia agora de clamar pela restauração de sua herança pagã: voltariam a praticar as virtudes clássicas, chegariam mesmo a invocar os deuses pagãos. Seja lá como for (e como foi), nessas circunstâncias — as de uma enorme distância a separar esses intelectuais aculturados de um passado efetivamente irrecuperável —, a nostalgia já não era o que costumava ser. Os textos e monumentos que esses intelectuais construíram eram, o mais das vezes, meros simulacros servis de modelos clássicos. Criaram assim uma tradição consciente de cânones fixos e essencializados; escreveram história no estilo de Lívio, poesia em um latim amaneirado, tragédia ao modo de Sêneca e comédia conforme Terêncio; decoraram igrejas cristãs com fachadas de templos clássicos e seguiram, de modo geral, os preceitos da arquitetura romana estabelecidos por Vitruvius — sem se darem conta de que esses preceitos eram gregos. Tudo isso veio a ser chamado, na história europeia, de Renascimento, pois deu à luz a “civilização moderna”.

O que mais se pode dizer disso, senão que algumas pessoas sempre tiram a sorte grande histórica? Quando são os europeus que inventam suas tradições — com os turcos às portas —, trata-se de um renascimento cultural genuíno, o início de um futuro de progresso. Quando outros povos o fazem, é um signo de decadência cultural, uma recuperação factícia, que não pode
8 produzir senão simulacros de um passado morto.

Por outro lado, a lição histórica poderia ser a de que nem tudo está perdido.

SOBRE O MAT

MATERIALISMO

O materialismo deve ser uma forma de idealismo, já que está errado – também.

HERÁCLITO × HERÓDOTO

Um dos argumentos correntes contra a coerência das culturas e a possibilidade de se realizar qualquer tipo de etnografia sistemática é que, como um certo rio filosófico de renome, as culturas estão sempre mudando. O fluxo é de tal natureza que jamais se pode mergulhar duas vezes na mesma cultura. E, todavia, a não ser que alguma identidade e consistência sejam simbolicamente impostas às práticas sociais, como também aos rios, não apenas pelos antropólogos mas também pelas pessoas em geral, a inteligibilidade, ou mesmo a sanidade, para não falar na sociedade, seriam impossíveis. Pois, parafraseando John Barth, a realidade é um belo lugar para se visitar (filosoficamente), mas ninguém nunca morou lá.

PÓS-ESTRUTURALISMO

Eis um moderno conto popular norte-americano que vai no mesmo sentido. Três árbitros de beisebol de primeira divisão estavam debatendo como marcar *balls* e *strikes*.¹ “Eu os marco conforme são”, disse o primeiro. “Eu”, disse o segundo, “eu os marco conforme os vejo.” “Não”, declarou o terceiro, que tinha mais estrada que os outros, “eles não existem até que eu os marque.” Tecnicamente, segundo o *Cours de gymnastique générale*, isso é

¹ *Balls* e *strikes* são os arremessos ou lançamentos de bola do *pitcher*, o arremessador, para o batedor. O batedor tem três chances para bater a bola: “*strike*” é uma bola válida que ele não acerta; “*ball*” é uma bola fora da área de *strike* e, assim, não válida. O árbitro então faz um sinal para quem está marcando os pontos. [N. T.]

² Trocadilho intraduzível com “*don't be so sure*”, “não esteja tão certo disso”. [N. T.]

conhecido como o “caráter arbitrário do signo do árbitro”. De onde vem a máxima pós-estruturalista: “*don't be Saussure*”² (Eric Hamp).

Chicago Tribune, 23 de maio de 1993: Jim Lefebvre tornou-se o primeiro técnico expulso da história do Estádio Joe Robbie com o incidente de sexta-feira à noite. O árbitro principal, Ed Rapuano, realizou este feito depois que Lefebvre protestou contra um terceiro *strike* marcado contra Sammy Sosa. “A bola estava baixa”, disse Lefebvre... “Quando ele me pôs para fora, disse: ‘Não me importa onde a bola passou’. Um árbitro que não dá a mínima para onde a bola passou? Isso é que é ser arbitrário!”

A CULTURA JAPONESA ESTÁ SEMPRE EM TRANSFORMAÇÃO

Um amigo japonês disse-me que o famoso santuário imperial em Ise se mantém inalterado desde o século VII — idêntico ao que era quando foi construído pela primeira vez. Para os ocidentais, é claro, ele não parece assim tão velho. É que, segundo a tradição corrente, os edifícios em Ise têm sido reconstruídos (em locais alternados) a cada vinte anos, exatamente da mesma maneira — usando-se os mesmos instrumentos antigos e os mesmo materiais —, e cada passo do processo é marcado pelos rituais antigos apropriados. Mas é óbvio que os instrumentos não poderiam ser exatamente os mesmos, poderiam? Eles não teriam durado treze séculos. E o que significa dizer que os materiais são os mesmos, visto que a cada vez se usa madeira nova? E de que modo duas performances rituais poderiam jamais ser “a mesma”?

(Na verdade, o ciclo de reconstrução foi certa feita interrompido por mais de 150 anos, e os edifícios e instrumentos sofreram algumas mudanças. Mas esta não é a tradição ou percepção japonesa dominante. A tradição diz que eles não mudaram, e a percepção é de que são os mesmos.)

Um crítico de arte ocidental explica que os edifícios reconstruídos não são “réplicas”, mas sim “Ise recriado”.

Nosso conceito da continuidade de uma floresta talvez seja algo de mais próximo da concepção xintoísta, já que ele envolveria de fato a natureza: a floresta amazônica vem existindo há séculos ou milênios, mesmo se todas as árvores originais pereceram e foram substituídas várias vezes. Em todo caso, é óbvio que a identidade é uma construção relativa, baseada em uma valoração seletiva de similaridades e diferenças. Em Ise, é irrelevante que os materiais tenham sido renovados — e

SOBRE O AUTOR

MARSHALL SAHLINS nasceu em 27 de dezembro de 1930, em Chicago, nos Estados Unidos. Tornou-se PhD em antropologia pela Universidade Columbia em 1954, com a tese *Social Stratification in Polynesia*, publicada em 1959. Lecionou na Universidade de Michigan de 1964 a 1973 e, desde então, na Universidade de Chicago, onde hoje é professor emérito.

Tornou-se conhecido por suas teorias sobre a história do contato entre europeus e nativos na Polinésia. Além dos doze meses de pesquisa de campo nas Ilhas Fiji, em Moala, entre 1954 e 1955, foi à Turquia (1951) e à Nova Guiné (1964).

Sua carreira acadêmica, de repercussão internacional, inclui estadas como professor visitante em universidades estrangeiras (Paris x - Nanterre, Tóquio e Havaí) e honras de renomadas universidades e centros de pesquisa do mundo (American Anthropological Association, Harvard, CNRS e National Academy of Sciences). Escreveu dezenas de artigos para revistas acadêmicas de prestígio, entre elas *American Anthropologist*, *Scientific American* e *Man*, e mais de dez livros. Atualmente, é editor executivo da Prickly Paradigm Press.

COLEÇÃO EXIT COORDENAÇÃO FLORENCIA FERRARI E MILTON OHATA

Como pensar as questões do século XXI? A coleção Exit é um espaço editorial que busca identificar e analisar criticamente vários temas do mundo contemporâneo. Novas ferramentas das ciências humanas, da arte e da tecnologia são convocadas para reflexões de ponta sobre fenômenos ainda pouco nomeados, com o objetivo de pensar saídas para a complexidade da vida hoje.

LEIA TAMBÉM

24/7 - capitalismo tardio e os fins do sono

Jonathan Crary

Reinvenção da intimidade - políticas do sofrimento cotidiano

Christian Dunker

Os pecados secretos da economia

Deirdre McCloskey

Desobedecer

Frédéric Gros

© Ubu Editora, 2018

© Prickly Paradigm Press LLC, 4ª edição ampliada, 2002

Coordenação editorial FLORENCIA FERRARI

Assistentes editoriais ISABELA SANCHES e JÚLIA KNAIPP

Revisão CECÍLIA FLORESTA

Projeto gráfico da coleção ELAINE RAMOS e FLÁVIA CASTANHEIRA

Assistente de design LIVIA TAKEMURA

Produção gráfica LILIA GÓES

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sahlins, Marshall [1930-]

Esperando Foucault, ainda: Marshall Sahlins / Título

original: Waiting for Foucault, still / Tradução: Marcela

Coelho de Souza e Eduardo Viveiros de Castro

São Paulo: Ubu Editora, 2018 / 112 pp.

ISBN 978 85 92886 34 9

1. Aforismos e apotegmas 2. Antropologia - Humor

3. Poder (Ciências sociais) I. Título.

12-15044

CDD 301.0207

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia: Crítica: Tratamento humorístico

301.0207

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 33312275

ubueditora.com.br

fonte Edita e Trade Gothic

papel Alta alvura 90 g/m²

impressão Intergraf